

*Ana Clara Bastos
Louisanne A. 'Sennyey Sanchez
Patrícia Camps
[orgs.]*

Lutos não reconhecidos na infância e na adolescência

LUTOS NÃO RECONHECIDOS NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Copyright © 2026 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Marina Vitale**

Preparação: **Carlos Mendes Rosa**

Revisão: **Samara dos Santos Reis**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Carta das organizadoras	7
--	---

Ana Clara Bastos, Louisanne A. ‘Senney Sanchez e Patricia Camps

Prefácio — Falando sobre lutos não reconhecidos de crianças e adolescentes: uma necessidade.	9
---	---

Maria Helena Pereira Franco

1. Quem cuida de mim? Reflexões sobre o luto nas relações de cuidado na infância	15
--	----

Natalia Chatagnier Cavechini

2. A perda dos avós: como ajudar uma criança enlutada?	31
--	----

Kátia Cristiane Vasconcelos de Araújo Bezerra

3. Entre a memória e a ausência: os processos de luto pela perda de animais de estimação na infância	45
--	----

Patricia Camps

4. As perdas não reconhecidas na infância e seus impactos no contexto escolar e no processo de ensino e aprendizagem	59
--	----

Ana Lúcia Naletto e Lélia de Cássia Faleiros

5. Luto da criança pela separação parental	75
--	----

Daniela Pupo Barbosa Bianchi

6. Crianças e adolescentes afastados judicialmente da família: o grito que não se escuta diante de perdas (in)visíveis	89
--	----

Ana Raquel Ribeiro e Débora Vigevani

7. Mães presas, filhos enlutados: o luto infantil diante do encarceramento materno	109
<i>Paulo Eugenio Ferreira Rocha</i>	
8. Luto não reconhecido em experiências de variabilidade sexual e de gênero na infância	127
<i>Viviane D'Andretta e Silva</i>	
9. E quando a morte é da própria criança?	143
<i>Ana Clara Bastos</i>	
10. Quando uma parte de mim se vai: o luto não reconhecido das amputações decorrentes de doenças que ameaçam a vida.	157
<i>Fernanda Roberta Menezes Brain, Jessica Fonseca Coutinho e Priscila Mary dos Santos Bahia</i>	
11. As múltiplas perdas na infância durante a covid-19	175
<i>Vanessa Menon Lopes de Oliveira</i>	
12. O <i>continuum</i> de um estigma: morte e luto por suicídio na infância e na adolescência	187
<i>Louisanne A. 'Sennyey Sanchez</i>	
13. De repente as brincadeiras mudaram: luto por morte violenta na infância	201
<i>Maria Carolina Rissoni Andery</i>	
Posfácio	217
<i>Gabriela Casellato, Luciana Mazorra e Valéria Tinoco</i>	

CARTA DAS ORGANIZADORAS

A PRESENTE OBRA NASCE do nosso desejo de trazer luz aos processos de luto na infância, muitas vezes não reconhecidos e validados. Frequentemente ouvimos que crianças são muito pequenas para viver processos de luto, que não entendem quando perdem algo ou alguém significativo, ou seja, muitas vezes a própria infância já é um fator de não reconhecimento desses processos de luto.

Diante disso, entendemos ser importante falar e refletir sobre como as crianças vivem, expressam e integram suas experiências de perda. As crianças vivem o luto com expressão e significados que se sustentam de acordo com seu desenvolvimento. Faz-se essencial poder estar com a criança em seu universo, acolher suas expressões por meio da sua linguagem e suas emoções expressadas.

Somadas a esse aspecto, muitas das perdas vividas não são validadas nem reconhecidas, seja pela pessoa e pela família, seja pela sociedade, que muitas vezes desqualifica experiências de dor e sofrimento. A criança pode se enlutar se perde seu bicho de estimação, se vive com uma doença que ameaça a sua vida, se perde um colega por suicídio ou se sofre com a separação dos pais. Reforçamos aqui que o luto é um processo vivido quando alguém significativo morre, mas também vivido com base na experiência de perdas simbólicas, não concretas. Mudar de casa, de escola, ou perder o contato com os colegas pode inaugurar processos de luto exigentes.

Outro ponto que procuramos contemplar foi o de apresentar as experiências de luto em diferentes contextos: como esse processo se encontra nas escolas, nas penitenciárias e nas instituições de acolhimento.

**Ana Clara de S. B. Bastos, Louisanne A. 'S. Sanchez
e Patricia Barrachina Camps**

Esperamos que esta obra possa contribuir para as suas reflexões sobre a legitimidade e a singularidade dos processos de luto vividos na infância e na adolescência.

Com todo o nosso carinho,

ANA CLARA BASTOS
LOUISANNE A. 'SENNY SANCHEZ
PATRICIA CAMPS

PREFÁCIO

FALANDO SOBRE LUTOS NÃO RECONHECIDOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA NECESSIDADE

PREFACIAR ESTE LIVRO SOBRE lutos não reconhecidos na infância e na adolescência requer destacar com profundidade o alcance, a relevância e a complexidade dessas experiências invisibilizadas. Transmitir a importância de validar e dar visibilidade ao sofrimento da criança e do adolescente, além de abordar suas implicações nas relações familiares, escolares e sociais, é descortinar um leque de experiências marcadas por profundas rupturas na subjetividade e na construção de vínculos.

O luto, em suas múltiplas formas, é uma vivência universal que atravessa o desenvolvimento humano e corre o risco de permanecer marcado por silenciamentos, especialmente nos períodos da infância e da adolescência. O sofrimento decorrente de perdas significativas é negligenciado ou mesmo desautorizado sobretudo por adultos e instituições que subestimam as complexidades do universo da criança e do adolescente diante da dor da separação, da ruptura de vínculos, da morte e das ausências. Esse apagamento simbólico repercute de maneira contundente não apenas sobre a saúde emocional da criança e do adolescente, mas sobre suas trajetórias, relações e construção de sentido no mundo.

O luto não reconhecido na infância figura entre as experiências mais subestimadas pelo olhar adulto, que atribui principalmente à criança uma suposta incapacidade de compreender ou processar perdas. Este livro vem lançar luz sobre o risco de invalidar os sofrimentos, pois as crianças vivem o luto no imaginário, nos sentimentos e nas condutas, por meio de jogo simbólico, desenhos, fantasias ou mudanças comportamentais.

Neste livro, com sensibilidade e cuidado, são abordadas experiências vivenciadas em contextos diversos, com repercussões tanto amplas quanto específicas. Diferentes personagens do cenário do luto vivido por crianças e adolescentes são evidenciadas, o que convida o leitor a acompanhar os autores por sendas complexas e profundas.

Este livro se propõe justamente a ampliar a visibilidade, a validação e a legitimidade das múltiplas experiências de luto da criança e do adolescente, convidando o leitor a uma reflexão ampliada e crítica. Os diferentes capítulos abordam os variados contextos de perdas não reconhecidas na família, na instituição, no lar, no universo escolar e apresentam contribuições fundamentais para a compreensão das especificidades desse sofrimento. Ao reunir autores experientes, a obra oferece um panorama interdisciplinar contemporâneo, direcionando práticas, discussões e políticas públicas para promover o acolhimento, a escuta qualificada e o respeito à subjetividade de crianças e adolescentes enlutados.

As condições de luto ditadas por uma abstração como a ação do Estado, de um sistema como o Judiciário, colocam a criança e o adolescente diante de múltiplos lutos. O encarceramento da mãe representa, para a criança, um evento bastante traumático, a dissolução da presença materna, mesmo sem que ela consiga dimensionar o que isso representa. Ocorre a perda física do contato direto, da rotina, do cuidado e do afeto da principal figura de apego, mas a isso se soma frequentemente o estigma social, a vergonha e o medo do julgamento alheio. Esse luto se instaura por sensibilidade e fundamento e soma-se ao que decorre da experiência da criança ou do adolescente de ser afastado da família por medida judicial. De novo, são múltiplos lutos: a perda da convivência cotidiana na escola e na vizinhança, da proteção parental, do referencial de lar, do pertencimento à sua história. O luto aqui adquire tonalidades de abandono, atravessado pelo sentimento de culpa, encontrado com facilidade no pensamento egocêntrico, que leva a criança a atribuir a si a causa desse afastamento. Em instituições, além da solidão, muitas crianças vivem trocas constantes de cuidadores, experimentando lutos reiterados por vínculos fragilmente ou nunca consolidados, o que se pode

traduzir em retraimento, agressividade, dificuldade de confiar e de formar laços. Ressalte-se a importância da validação dos lutos que não se devem a morte, para evidenciar a experiência das crianças e dos adolescentes que vivem ou são colocados em instituições.

Quando a criança e o adolescente enfrentam doença grave e a possibilidade ou inevitabilidade da morte, assim como amputações ou sequelas físicas, eles vivem perdas em cadeia: do corpo sadio, da rotina, de experiências projetadas e da ideia de continuidade. Há o luto de capacidades, como praticar esportes, ir à escola, brincar, e o luto de papéis, ao passar de exploradores do mundo para ser cuidados, com a perda do rosto e do corpo conhecidos em razão de transformações físicas. Trata-se de um luto que acompanha a doença e se expande na própria existência. A criança pode sofrer isolamento, sentimento de injustiça, medo da dor e da separação e ansiedade pelo desconhecido. Os cuidados com a saúde se sobrepõem à experiência dos lutos que, não reconhecidos, acarretam risco de se complicarem. Colocar foco nesse problema, como faz o presente no livro, desperta a atenção de profissionais de diferentes áreas para cuidar do luto.

A pandemia trouxe para muitas crianças uma soma de perdas: de pessoas queridas, como pais, avós, tios e professores, do cotidiano de ir à escola e brincar com amigos, da segurança (gerando medo, pobreza, incerteza econômica) e de rituais significativos presentes no seu desenvolvimento, como celebração de aniversários, visitas e despedidas. O luto coletivo foi acompanhado de silêncio ou da impossibilidade de velórios e rituais, tornando mais difícil o entendimento e a elaboração das perdas. Surge assim um luto difuso, muitas vezes sem nome, marcado por ansiedade, regressão comportamental, insônia, retraimento e desinteresse pela aprendizagem.

A par com esse luto coletivo, pode-se enfocar o luto por perdas específicas, individuais, por oposição ao coletivo, como a perda de um ou ambos os pais, por morte, divórcio ou separação familiar. Encontra-se aqui a experiência individual e a familiar, independentemente da configuração dessa família.

No âmbito dos lutos por morte violenta, a vivência do suicídio na família ou entre pares, por morte ou por tentativa de morte, tem marcante

impacto na infância e na adolescência. O tabu e a culpa permeiam o processo: há perguntas sem resposta, medo de julgamento, tentativas de silenciamento por parte dos adultos e até mesmo o isolamento social do enlutado. Crianças e adolescentes sentem tristeza extrema, raiva, perplexidade, vergonha, sensação de abandono e, por vezes, medo de repetir o ato. O risco de sofrimento prolongado e de consequências emocionais graves aumenta nesse contexto.

Ainda sobre o contato com morte violenta por outras causas além do suicídio, como homicídio, acidentes e desastres, sabe-se que leva a um luto marcado por choque, medo intenso, insegurança e percepção de vulnerabilidade no mundo. Sentimentos de terror, imagens intrusivas e revivência das cenas, distúrbios do sono, perda de espontaneidade e desconfiança do ambiente somam-se a dúvidas existenciais, perguntas sobre justiça e segurança, além de um luto que costuma caminhar com o trauma.

As crianças que expressam identidade de gênero diversa ou variabilidade sexual vivenciam perdas muitas vezes invisibilizadas: rompimento com expectativas familiares, rejeição de amigos, exclusão de grupos sociais, perda de um futuro previsto ou imposto. O luto se expressa como tristeza devido ao não reconhecimento, ao medo do abandono, à fragmentação da identidade e a lutas internas para pertencer, o que é potencialmente agravado por rejeição, *bullying* e discriminação institucional. São experiências marcadas pela dor silenciosa de não serem legitimadas na subjetividade das crianças.

O luto pela perda de animais de estimação, por ser minimizado na sociedade, produz sofrimento intenso, real. Na infância, os animais propiciam companheirismo, segurança emocional e motivo de expressão afetiva. O processo de luto por animais implica sentimentos de ansiedade de separação, torpor, saudade e reorganização, podendo impactar até mesmo a construção de novos vínculos significativos. Abordar esse luto, como se vê neste livro, propicia um olhar atento e sem preconceito sobre esse processo e, em consequência, sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente.

Este livro aborda essas condições específicas de luto, chamando a atenção para os riscos à saúde mental em função do seu não reconhecimento,

o que se torna ainda mais relevante diante do crescente número de casos na contemporaneidade, o que se apresenta também na realidade brasileira.

Cada situação de luto mencionada aqui carrega especificidades quanto a sofrimento, formas de manifestação, implicações psicossociais e riscos para o desenvolvimento. Não existem experiências universais com respostas lineares, exigindo-se sempre sensibilidade para ouvir, denominar e legitimar cada dor.

A abordagem proposta pelos autores deste livro convoca profissionais, educadores, familiares e sociedade a rever paradigmas e atuar para que o luto da criança e do adolescente seja reconhecido como direito à vivência, elaboração e ressignificação. Esse é o imperativo ético que se impõe a todos os que trabalham, convivem ou se preocupam com as novas gerações. Que este livro inspire práticas mais humanas, sensatas e transformadoras, reconhecendo, validando e legitimando as dores que muitas vezes permanecem invisíveis, mas definem as bases do desenvolvimento biopsicossocial e espiritual, da saúde mental e do futuro de cada criança e adolescente.

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO

1. QUEM CUIDA DE MIM?

REFLEXÕES SOBRE O LUTO NAS RELAÇÕES DE CUIDADO NA INFÂNCIA

NATALIA CHATAGNIER CAVECHINI

*Contudo, dirão alguns, a criança não sabe o que é a morte!
Mesmo quando se refere à morte, a ideia que dela faz não é a
nossa; subtenda-se: não tem qualquer ideia da morte.*

E quanto a nós?

Quem pode ter a pretensão de saber o que é a morte?

— Ginette Rimbault

ESTE CAPÍTULO ABORDA OS processos de perdas intangíveis vividas por uma criança quando perde, por morte ou por outras circunstâncias, figuras de cuidado. Cuidar de uma criança é a relação mais complexa, desafiadora, potente e transformadora que já vivenciei.

A chegada do meu filho me convocou a ocupar novos lugares, exercer novas tarefas, vivenciar novos sentimentos. Me vi diante das incertezas que se apresentavam a cada choro ou a cada noite sem dormir, apostando que os movimentos que ele fazia indicavam algum caminho possível. Ao mesmo tempo, pude trilhar passos de segurança a cada sorriso, interação e brincadeira que sinalizavam a construção de um vínculo fundamental. Estar presente ali para ele era cuidar também de mim, na construção de um saber e de um fazer conjuntos.

Nesse percurso, contei com a presença constante da minha avó em casa. Ela ia todos os dias, no auge dos seus 83 anos, brincar, conversar, fazer companhia, cozinhar e estar presente. Ela e meu filho criaram uma relação muito bonita, de proximidade, cuidado, interesse, encanto e muitos sorrisos. Quando ele tinha um ano e meio, ela adoeceu repentinamente. Nossa rotina mudou, assim como o clima em casa. Mesmo assim, a relação